

# De volta ao banco

Os dois assaltantes queriam mais. Só que, dessa vez, tudo saiu completamente errado. | POR CHRISTOPHER W. DAVIS

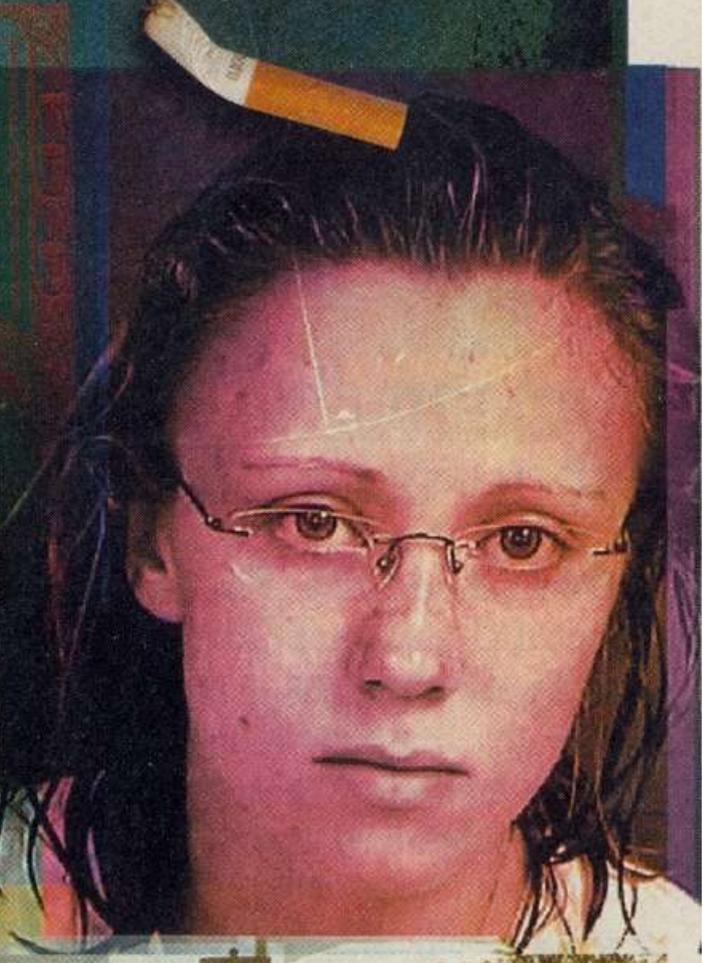
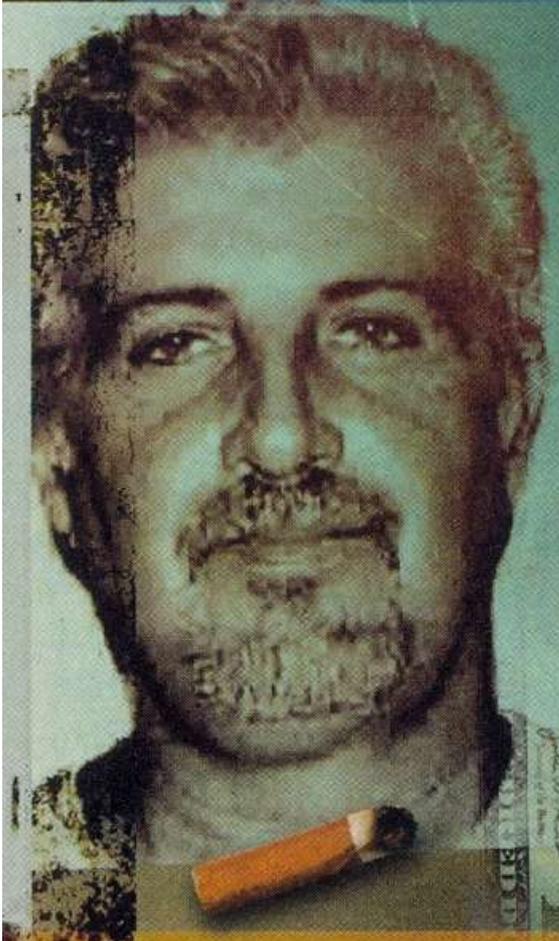
**A**S LUZES de Natal ainda piscavam na fachada do Mercantile Bank na manhã de terça-feira, 10 de janeiro, quando Lucy Medina chegou para trabalhar. Um novo ano cheio de promessas surgia à sua frente – e o choque do assalto recente começava a desaparecer. Antes de mergulhar nas tarefas do caixa, deu um telefonema para saber como o noivo estava.

A supervisora de Lucy, Karen Webb, que também sobrevivera ao assalto à mão armada em novembro de 2005, chegara antes das oito. Karen abriu a caixa de depósitos noturnos e a janela

do *drive-thru*, preparando o banco – que fica num pequeno centro comercial a um quilômetro e meio da Disney World – para abrir.

O ASSALTO de novembro tinha ocorrido sem o menor obstáculo para Tano Alessandrello e Amanda Moeller. Os dois haviam estudado a agência, fingindo interesse em abrir uma conta corrente e planejado cada passo da ação. Então, cinco dias depois do 50º aniversário de Tano e dois dias antes do 26º de Amanda, eles vestiram seus disfarces e invadiram o banco na hora do almoço.

AMERICAN BANK



Amanda, uma loura de pele clara e olhos azuis, pintara os cabelos de preto e usava óculos escuros, boné e luvas.

Tano, que tinha cabelos grisalhos, pele queimada de sol e olhos azuis, usava uma vasta peruca negra e um bigode tão grande que parecia mesmo postiço. Ele carregava uma pistola automática de 9 mm; Amanda empunhava uma faca de açougueiro.

Havia duas funcionárias no banco. Os assaltantes as colocaram na sala dos fundos. Amanda prendeu os punhos de uma das mulheres com lacres de plástico enquanto Tano fazia a outra percorrer os caixas enchendo um saco com dinheiro.

para investir no seu mais novo negócio – um serviço de faxina em apartamentos – e para apostar. Em um mês, o dinheiro já havia acabado. Então os dois decidiram voltar ao banco para fazer um novo “saque”.

NAQUELA MANHÃ de janeiro, o recém-contratado gerente, Ray D’Angelo, havia convocado uma reunião para discutir metas de vendas. A segunda caixa, Connie Kirk, chegara um pouco depois das oito e meia.

Alguns clientes já haviam passado pelo *drive-thru*, mas o primeiro a entrar na agência o fez por volta das nove e meia: uma mulher franzina de boné

## Uma mulher de óculos vermelhos segurou a porta, e um homem entrou. *Ambos estavam armados.*



Ao terminar, Tano tirou a fita cassetete da câmera de segurança e arrancou o telefone da parede, avisando às duas funcionárias que, se tentassem sair do banco, levariam um tiro.

Os assaltantes entraram e saíram em menos de cinco minutos, desaparecendo com 37.883 dólares, por entre o movimento de turistas da Disney.

Guardaram as notas numa caixa de sapatos no armário de Amanda. Mãe solteira de uma menina de 8 anos, desde os 18 Amanda trabalhava como gerente dos vários negócios de Tano. Ela usou o dinheiro para pagar contas atrasadas. Tano passava pela casa de Amanda quando precisava de um extra

vermelho e óculos escuros também vermelhos, segurando um papel dobrado. Karen viu uma das caixas abrir a porta para ela, e saiu para recebê-la.

A mulher manteve a porta aberta, enquanto um homem passava correndo por ela e levantava a gola rulé de uma blusa bege até cobrir o rosto. Os dois estavam armados.

Observadora e ágil, Lucy apertou o alarme silencioso assim que viu o homem cobrindo o rosto.

“Isto é um assalto!”, anunciou. “Saíam de trás desse balcão! Rápido! *Pros fundos!*” Os dois ladrões deram ordens para que os quatro funcionários seguissem até uma pequena sala



no fundo da agência, onde costumavam fazer as refeições.

“Todo mundo de joelhos!”, ordenou a mulher. “De cara *pra* parede... Mãos *pra* frente.”

Karen, que tinha problemas cardíacos, encostou a cabeça na parede. Para os outros, ela parecia prestes a desmaiar.

“Ei! Você, de suéter preto”, disse o homem para Lucy, “venha comigo.”

Sua cúmplice ficou no vão da porta, apontando a arma para os outros três. Tinha pouco mais de um metro e meio de altura. Os cabelos que apareciam por baixo do boné vermelho eram grossos e negros – só podiam ser peruca.

O homem percorreu os caixas com Lucy e pegou uma bolsa branca de ginástica. “Quero todo o dinheiro que tem aí”, disse, mantendo a bolsa aberta. Ela enfiou a mão na gaveta. Bancos

**Tano, com a gola da camisa cobrindo o rosto, deixa o Mercantile Bank.**

usam maços de dinheiro especiais que soltam tinta para identificar ladrões. Mas Tano previu a jogada de Lucy. “E nada de explosivos”, disse.

Assim, obedecendo às ordens do assaltante, de acordo com a orientação do banco nesses casos, Lucy calmamente esvaziou as gavetas de dinheiro e colocou as notas na bolsa de ginástica.

Quando um carro se aproximou da janela do *drive-thru*, o assaltante se escondeu atrás da porta do cofre. “Cuide dele”, disse a Lucy.

E, enquanto o veículo se afastava, pegou os 80 dólares depositados pelo motorista e os acrescentou ao dinheiro que já roubara.

- Agora, vamos ao cofre – declarou.
- Está em modo de espera – disse-



lhe Lucy, acrescentando que o cofre tinha um período de inoperância de 15 minutos, planejado justamente para ocasiões como aquela. O assaltante mandou-a digitar a combinação. “Ajoelhe-se”, disse ele. E a espera começou.

INSTANTES DEPOIS, no entanto, um telefone tocou. O homem permitiu que Lucy atendesse. Era o serviço de vigilância, que ela acionara, pedindo o código de segurança. Calmamente, Lucy recitou o número de seis dígitos – e teve presença de espírito de trocar o quinto algarismo de sete para zero.

– Hum... – murmurou o despachante.

– Não é esse o número que tenho aqui. Posso falar com o gerente?

– No momento, ele está ocupado com um cliente – respondeu Lucy.

– Está tudo bem por aí?

– Não – ela disse.

– Bom – começou o despachante,

bem baixinho –, temos guardas aí fora, e eles querem ver alguém.

Quando Lucy acionara o alarme, a polícia imediatamente entrara em ação. Dali a minutos, as primeiras patrulhas haviam chegado ao banco, sem sirenes ou luzes ligadas.

Ela se virou para o assaltante:

– Há um guarda aí fora. Ele quer se certificar de que está tudo bem. Querem ver Karen. Eles a conhecem.

– Vá chamá-la – disse Tano.

Antes de colocar o fone no gancho, Lucy se arriscou. Apertou o botão de viva-voz, deixando a linha aberta para que o despachante e a polícia pudessem ouvir o que estava acontecendo. Tano não notou; empurrou-a em direção à sala dos fundos, com a arma em punho.

“Diga a eles que faltou luz”, ordenou a Karen.

KAREN WEBB saiu sozinha. Contou aos

guardas o que realmente estava acontecendo lá dentro. Ao fundo, outros policiais se juntavam e bloqueavam saídas, desviando o trânsito da movimentada rua do banco e esvaziando escritórios vizinhos. A SWAT e equipes de negociadores estavam a caminho para cuidar dos reféns.

Karen ficou preocupada com os amigos que permaneciam no interior da agência, mas, segundo o protocolo policial, cada vítima tem de ser salva, não podendo voltar para ser refém outra vez. Guardas a levaram embora.

– ELA ABANDONOU OS OUTROS – anunciou Tano.

– Que ótimo! – comentou Amanda.

– Podia ter sido tão simples... Mas alguém tinha de apertar o alarme! Como é que você pôde ser tão idiota?

Connie se encolheu no chão. Ray fez um apelo. “Posso ficar de pé um instante? Meus joelhos estão doendo.” Os assaltantes então permitiram que os três reféns se sentassem em cadeiras – mas exigiram que ficassem de frente para a parede.

**J**Á SE PASSARAM duas horas”, Amanda disse ao parceiro. “A gente devia estar longe!” Ela parecia tensa. Olhou para o relógio.

Mandou Lucy ligar a TV da sala de refeições – e se viu ao vivo na tela. Os noticiários mostravam o banco. Estava cercado. Um robô operado por controle remoto e um veículo blindado com equipes da SWAT chegavam ao local.

As coisas não aconteciam conforme planejado. Tano estava ficando nervoso e precisava de um cigarro, embora ninguém tivesse um para lhe dar. Ele então ligou para a polícia e começou a negociar.

Pouco antes do meio-dia, o robô entregou um maço de cigarros na janela do *drive-thru*. Mas não entregou fósforos. Os dois assaltantes começaram uma busca frenética nas gavetas e armários do banco. Por fim, Amanda usou o forno elétrico da sala de refeições para acender os cigarros.

Pouco depois, Tano surgiu à porta. “Ray, venha comigo”, disse. Os negociadores da polícia argumentaram que Ray era diabético e precisava ser solto. Tano, que recentemente descobrira também ser portador da doença, concordou em trocar Ray pelo maço de cigarros.

O TEMPO PASSAVA devagar enquanto as duas reféns restantes viam pela TV o desenrolar do seu destino. Lá na frente, podiam ouvir o eco de telefones tocando e as vozes irritadas dos assaltantes. Num determinado momento, ouviram Tano gritar “Fiquem longe daqui!” e bater o fone.

Momentos depois, ele e a mulher apareceram e levaram Lucy. Conduziram-na até a porta da frente, e Tano apontou para um Taurus estacionado. “Vamos sair para pegar um carro.”

Amanda segurou Lucy pelos cabelos e encostou a arma nas costas. Tano abriu a porta da frente e gritou: “Vou sair! Se algo acontecer comigo, ela vai se machucar!”

Ele foi até o Taurus e começou a dar ré. Mas a polícia havia colocado pregos debaixo dos pneus. O carro foi gingando até a porta da frente. Tano saiu às pressas e se enfiou de volta no banco. Estava furioso.

CONNIE CHORAVA quando Lucy se juntou a ela outra vez na sala de refeições iluminada apenas pela TV.

- O que foi que fizeram com você?  
- perguntou Connie.

- Queriam que eu servisse de motorista para eles - respondeu Lucy, também chorando.

Os MINUTOS já tinham se transformado em horas. Tano saiu pelo banco apagando as luzes. Como não conseguiu apagar as do corredor, pegou um esfregão e quebrou as lâmpadas.

A câmera de segurança fazia um zumbido irritante. "Como é que eu desligo esse troço?", perguntou a Lucy.

Ela disse não saber. O que não disse foi que um novo sistema havia sido instalado depois do assalto de novembro. Não usava mais fita; transmitia as imagens ao vivo para fora do banco. Os movimentos de Tano e Amanda estavam sendo monitorados.

## Eles empurraram a refém pelo corredor escuro e a usaram como escudo, *enquanto saíam do banco.*



Pouco antes das três, a porta se abriu de novo. Era Amanda. Disse a Connie que ela estava sendo libertada.

Agora Lucy se encontrava sozinha, de rosto voltado para a parede. Começou a tremer sem parar.

Depois de algum tempo, Amanda entrou e sentou-se atrás dela.

- Sabe por que ficamos com você?  
- indagou.

- Não - respondeu Lucy.

- Porque Connie estava histérica demais.

- Que sorte a minha estar tão calma  
- comentou Lucy.

- Isso mesmo, que sorte a sua - concordou Amanda. E, após uma pausa, perguntou: - Lucy, na sua opinião, quem foi que apertou o alarme?

NUM DETERMINADO momento, Tano perguntou a Lucy se queria algum dinheiro. Ela recusou. Então, quase dez horas depois do início daquela agonia, ele surgiu com a bolsa de Lucy e disse: "Pronto. Coloquei uns dois mil aí dentro. Fique com eles. São pelas suas horas extras de hoje."

"Vista isto", ordenou Amanda, jogando o paletó escuro de Ray por cima da bolsa. Lucy não sabia qual seria o próximo passo dos dois.

Percorreu o corredor escuro com eles. Ao chegarem à porta, Tano e Amanda imprensaram Lucy entre eles. Então, aproximadamente às 19h30, sob os olhos dos policiais, os três saíram.

Tano havia confiscado as chaves de todos os funcionários. Primeiro, ten-

tou escapar no Lexus branco de Connie, mas, assim que o carro andou, ficou claro que os pregos já haviam rasgado os pneus.

Tano dirigiu o desengonçado carro pelo estacionamento e descobriu que as saídas estavam bloqueadas. Helicópteros giravam sobre sua cabeça, mantendo holofotes sobre ele.

“Tirem essas luzes de cima de mim!”, gritou Tano para a polícia, pelo celular. “Nós estamos armados! Temos dinamite! Eu explodo este lugar e levo todo mundo comigo!”

Ele tinha as chaves do carro de Ray e parecia decidido a passar com o veículo por cima das calçadas e evitar as barreiras.

Mais uma vez usando Lucy como escudo, ele e Amanda correram até o carro e a jogaram no banco de trás.

A polícia ligou outra vez pelo celular, apelando para que Lucy fosse libertada.

“Não, eu não vou soltá-la agora!”, respondeu Tano. “Ela é a minha única chance de sobrevivência... É só o que tenho a meu favor... Não vou deixá-la ainda!”

Ele engatou a marcha, e, quando começou a se mover, ouviu-se um estampido muito alto.

Uma bala havia estilhaçado a janela traseira, cobrindo de cacos de vidro as duas mulheres. Lucy se escondeu no chão do carro. Houve um leve tremor no banco da frente.

Tano estava morto.

Amanda deu um salto, gritando, e enfiou as mãos pelo vidro quebrado em sinal de rendição.

Os tiros cessaram.

AMANDA LYNN Moeller e Gaetano Alessandrello levaram 78.580 dólares do banco dessa segunda vez, incluindo os 4.250 colocados na bolsa de Lucy e os 8.600 que Amanda enfiara no sutiã. Mas o dinheiro não chegou à caixa de sapatos escondida no guarda-roupa.

Amanda assinou um documento abrindo mão de seu direito à representação jurídica e concordou em falar com os detetives sem a presença de um advogado. Contou tudo sobre o assalto de novembro.

Também disse que Tano a havia treinado, e se declarou inocente. Seu julgamento foi marcado para o fim deste mês. Mas agora será sua vez de ficar sentada em silêncio, preocupando-se com o seu possível destino, e quem falará serão seus antigos reféns.

## EXCESSO DE REALISMO

Eu trabalhava em um hospital militar e sempre ficava muito emocionado ao perceber que um velho paciente se esmerava em regar as plantas todas as manhãs.

Quando ele teve alta, decidi dar continuidade àquele belo trabalho. Só então percebi que as plantas eram todas artificiais.